

**AS RELAÇÕES DE TRABALHO SOB A RACIONALIDADE NEOLIBERAL** (\*)**LABOR RELATIONS UNDER NEOLIBERAL RATIONALITY****LAS RELACIONES DE TRABAJO BAJO LA RACIONALIDAD NEOLIBERAL****Yumara Lúcia Vasconcelos<sup>1</sup>****RESUMO**

Este ensaio, produto de uma pesquisa qualitativa, fundamentalmente bibliográfica, teve por objetivo geral analisar a repercussão da racionalidade neoliberal sobre as relações laborais, tendo sido investigado de modo sistêmico a supraestrutura da precarização observada no mundo do trabalho. De que maneira a lógica neoliberal, influencia a dinâmica e conformação dessas relações, objeto desse estudo? A revisão de literatura realizada assentou discussão sobre o gerencialismo presente nestas relações, com ênfase na apropriação de discursos e narrativas reprodutoras de opressões. Reforçou ainda o papel da linguagem como tecnologia de controle e gestão, bem como do processo de dessubjetivação pela disseminação de representações sociais convenientes aos interesses de mercado, operando uma manipulação neural que encaminha à (re)produção subjetiva neoliberal, materializada na naturalização de violências, na desmobilização de classe, no apassivamento do(a) trabalhador(a) diante de iniquidades e em sua reprogramação cognitiva.

*Palavras-chave:* neoliberalismo; racionalidade neoliberal; relações de trabalho; violência neural; dessubjetivação.

**ABSTRACT**

This essay, the product of qualitative research, fundamentally bibliographical, had the general objective of analyzing the repercussion of neoliberal rationality on labor relations, having systematically investigated the supra structure of precariousness observed in the world of work. How does neoliberal logic influence the dynamics and conformation of the se relation ships, the object of this study? The literature review carried out led to a discussion about the managerialism present in the serelation ships, withem phasion the appropriation of discourses and narratives that reproduceo ppression. It alsorein forced the role of language as a control and management technology, as well as the de-subjectivation process through the dissemination of social representations convenient to marketin terests, operating a neural manipulation that leads to the neoliberal subjective (re)production, materialized in the naturalization of violence, in the demobilization of the class, in the passiveness of the worker in the face of iniquities and in his/her cognitive reprogramming.

(\*) Recibido: 10/03/2023 | Aceptado: 03/08/2023 | Publicación en línea: 27/09/2023.



Esta obra está bajo una [Licencia Creative Commons Atribución-NoComercial 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

<sup>1</sup> Pós doutora em Direitos humanos (UFPE), doutora em Administração (UFBA), mestre em Ciências Contábeis (Fundação Visconde de Cairu), bacharela em Direito e Ciências Contábeis. Especialidades na área jurídica: Direito civil e em Filosofia e Teoria do Direito. Docente e pesquisadora da UFRPE, professora permanente do PROFIAP / UFRPE e do PPGDH/UFPE. Líder do GEPDT/CNPQ - Grupo de Estudos e Pesquisas em Direito do Trabalho: [dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/792146](http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/792146). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2280-7692>. Endereço profissional: Edf. Ariano Suassuna, Departamento de Administração situado à rua Dom Manuel de Medeiros, s/n - Dois Irmãos, Recife - PE, 52171-900. E-mail: [yumaravasconcelos@gmail.com](mailto:yumaravasconcelos@gmail.com)

*Keywords:* neoliberalism; neoliberal rationality; work relationships; neuronal violence; desubjectivation.

### RESUMEN

Este ensayo, producto de una investigación cualitativa, fundamentalmente bibliográfica, tuvo como objetivo general analizar la repercusión de la racionalidad neoliberal en las relaciones laborales, habiendo investigado sistemáticamente la supraestructura de la precariedad observada en el mundo del trabajo. ¿Cómo influye la lógica neoliberal en la dinámica y formación de estas relaciones, objeto de este estudio? La revisión de la literatura realizada se basó en una discusión sobre el gerencialismo presente en estas relaciones, con énfasis en la apropiación de discursos y narrativas que reproducen la opresión. También reforzó el papel del lenguaje como tecnología de control y gestión, así como el proceso de desubjetivación a través de la difusión de representaciones sociales convenientes a los intereses del mercado, operando una manipulación neuronal que conduce a la (re)producción subjetiva neoliberal, materializada en la naturalización de la violencia, en la desmovilización de clases, en la inactividad del trabajador frente a las inequidades y en la programación cognitiva.

*Palabras clave:* neoliberalismo; racionalidad neoliberal; relaciones laborales; violencia neuronal; desubjetivación.

---

## 1 INTRODUÇÃO

"(...) o capitalismo realiza interpretações fracas e liberais de liberdade e igualdade, ao mesmo tempo que nega sistematicamente os pré-requisitos sociais para interpretações mais profundas e adequadas, para as quais ele, simultaneamente, convida e, insensivelmente, frustra."

Nancy Fraser, *Capitalismo em debate: uma conversa na teoria crítica*.

Analisar as relações trabalhistas remete a uma reflexão atenta sobre a racionalidade neoliberal, para muito além de *slogans*, frases de impacto, denúncias e discussões atemporais sem profundidade.

Estas relações comportam diferentes problematizações, todas igualmente relevantes e pertinentes (fragilização do movimento sindical, flexibilização legalizada de determinadas relações, mudanças nas normas trabalhistas, escalada da urberização, trabalho intermitente e, em perspectiva ampliada, o próprio cenário de desproteção instaurado nos últimos oito anos).

O ponto em comum entre esses nichos de recorte é a influência da lógica neoliberal em sua conformação e dinâmica, marcada pela internalização de predisposições psicológicas e exortações de natureza moral e religiosa, que docilizam e apassivam o sujeito para ser explorado sem resistência.

O neoliberalismo produz relações e *personas* nas diferentes esferas da vida privada por um processo de manipulação que se opera desde a imposição de um modo de vida único, sob a lógica de firma, à modulação das percepções acerca da realidade. Foi nesse passo que

(...) a generalização da forma-empresa no interior do corpo social abriu as portas para os indivíduos se autocompreenderem como “empresários de si mesmos” que definem a racionalidade de suas ações a partir da lógica de investimentos e retorno de “capitais” e que compreendem seus afetos como objetos de um trabalho sobre si tendo em vista a produção de “inteligência emocional” e otimização de suas competências afetivas. (Safatle, 2020, p.25)

Resulta dessa manipulação psíquica um padrão de sujeito que racionaliza seu comportamento com base, essencialmente, nas expectativas empresariais (os denominados sujeitos do desempenho), à revelia de seus necessidades mais básicas e dos próprios limites biológicos e emocionais (a vida reduzida ao modelo de empresa e sua lógica mercantil). (Safatle, 2020; Dardot & Laval, 2016; Dejours, 2020)

Como decorrência do processo de manipulação psicológica, tem-se observado o crescimento do volume de afastamentos por acometimento de depressão, ansiedade, síndrome do pânico, *burnout*, dentre outras doenças, panorama que reduz significativamente a potência das análises disciplinarizadas de temas relacionados, constatação que encaminhou ao desenho de uma **pesquisa interdisciplinar**.

É oportuno reforçar, que a Administração com seu repertório de jargões, frases de impacto, políticas, padrões e engajamento são parte fundamental dessa engrenagem de exploração e adoecimento, reproduzindo paradigmas que remetem à violência da positividade, na qual trabalhadores e trabalhadoras são condicionados à superação dos próprios limites e entregas (ônus da empregabilidade). Realmente, "A ideologia neoliberal da resiliência transforma experiências traumáticas em catalisadores para o aumento do desempenho." (Han, 2021, p.8)

Por esta dinâmica, as pessoas são levadas a abafar as suas dores, a sua exaustão física e emocional em nome da ‘firma’ (paradigma de profissionalismo), qual seja, de objetivos corporativos produtivistas. (Vasconcelos, 2022)

Em vez de uma encenação ostentatória a violência se esconde envergonhada. É bem verdade que continua a ser exercida, mas é retirada da encenação pública. Não chama atenção sobre si mesma; falta-lhe qualquer tipo de linguagem e simbologia. Ela não anuncia nada; realiza-se como uma aniquilação sem linguagem, muda. (Han, 2017, p.12)

As organizações, sob o manto da prerrogativa legal do poder diretivo, impõem referências que sufocam identidades e parametrizam relações, modos de determinação, linguagem e comportamentos sociais (etiqueta empresarial), sem que o sujeito leia essas imposições como invasivas.

"O neoliberalismo não destrói apenas regras, instituições, direitos. Ele também produz certos tipos de relações sociais, certas maneiras de viver, certas subjetividades." (Dardot & Laval, 2016, p.14)

A psicologização das relações de trabalho produz conexões que estruturalizam opressões, criando um *loop* que reproduz e normaliza comportamentos "positivos" por meio de uma engenharia motivacional voltada para a produtividade e para o super rendimento. (Vasconcelos, 2022)

Nas relações 'negativas' a existência do outro é real (tangível), nas relações 'positivas' o inimigo é absorvido pelo eu. Esta é a razão pela qual os discursos gerencialistas, que apregoam liberdade e autonomia, fluem com tamanha naturalidade e eficácia, ainda que a desfavor do sujeito.

Resiliência, comprometimento organizacional, profissionalismo, engajamento, ressignificação e cooperação são exemplos de expressões retiradas do contexto técnico para se transformar em mecanismos engendrados para a otimização do desempenho (só que por meio da superação continuada de limites). A ressignificação é reduzida, na prática, ao silenciamento diante daquilo que incomoda ou faz sofrer, em nome de uma ideia de profissionalismo que é imobilizante e traumática.

Vivemos em uma sociedade da positividade, que busca se desonerar de toda forma de negatividade. A dor é a negatividade pura e simplesmente. Também a psicologia segue essa mudança de paradigma e passa, da psicologia negativa como "psicologia do sofrimento", para a "psicologia positiva", que se ocupa com o bem-estar, a felicidade e o otimismo. Pensamentos negativos devem ser evitados. Eles devem ser substituídos imediatamente por pensamentos positivos. A psicologia positiva submete a própria dor a uma lógica do desempenho. (Han, 2021, pp.7-8)

Contrapor, exigir, contra-argumentar tornam-se gatilhos para conflitos improdutivos. A própria noção de conflito é psiquiatizada, apropriada para isolar politicamente a pessoa titular do comportamento. Com efeito,

“Não por outra razão conta-se constantemente a história de empresários que “desbravam” territórios infectados pela letargia e pelo marasmo, impondo corajosamente o gosto do risco e da inovação, como se estivessem imbuídos de um destino de redenção moral da sociedade.” (Safatle, 2020, p.25)

Por essa perspectiva, o (a) trabalhador (a) passa a ser algoz de si mesmo, impondo-se sugestivamente um ritmo estranho à sua capacidade, pela convocação de condutas aparentemente desconectadas (superdesempenho, supercomunicação, superconexão, superengajamento, superprodução).

No regime neoliberal, também o poder toma uma forma positiva. Ele se torna smart. Em oposição ao poder disciplinar repressivo, o poder smart não provoca dor. O poder é inteiramente desacoplado da dor. Ele se exerce sem qualquer repressão. A submissão se realiza com auto-otimização e autorrealização. O poder smart opera sedutiva e permissivamente. Uma vez que ele se faz passar por liberdade, ele é mais invisível do que o poder disciplinar repressivo. Também a vigilância adquire uma forma smart. Somos permanentemente requeridos a comunicar nossas carências, desejos e preferências e a narrar a nossa vida. Comunicação total e vigilância total, exposição pornográfica e vigilância panóptica coincidem. Liberdade e vigilância se tornam indistinguíveis. (Han, 2021, p.16)

Essas exigências perpassam os muros organizacionais e o próprio objetivo de sobrevivência do sujeito que trabalha, sendo capitaneadas para manipulação racional do desejo e uma intensa mobilização subjetiva, orientada fundamentalmente para o consumo. Essa disposição revela o caráter sistêmico do neoliberalismo. O indivíduo é reduzido a meio e objeto de consumo. (Vasconcelos, 2022)

“As técnicas de steps, de foco, de gerenciamento de “capital humano”, de “inteligência emocional”, de otimização de performance que tinham sido criadas nas salas de recursos humanos das grandes empresas agora faziam parte dos divãs e consultórios.” (Safatle, 2020, p.26)

A violência da positividade, também denominada de neural e intrapsíquica, é gestada de modo pacífico, o que dificulta a sua identificação pela pessoa que a experencia, minando qualquer esforço de mitigação, afinal, as reações imunológicas são respostas à alteridade.

Na configuração da violência da positividade não há um inimigo manifesto. Não se trata de assédio profissional, conduta bem demarcada, mas de uma violência que é espontânea, invisível, neuronal e sistêmica, cujo agente de linha é o próprio indivíduo

sugestionado operando sem consciência. É por essa dinâmica que o trabalhador ou a trabalhadora reproduz autocondicionamento e sujeição, incidentes tanto nos espaços públicos como naqueles privados. (Han, 2017; Vasconcelos, 2022)

A extensão dos valores de mercado permeia todas as instituições, inclusive aquela familiar e religiosa, por mais que se pretenda negar qualquer locução ideológica nesses substratos sociais. (Safatle, 2016; Safatle, 2020; Fraser, 2020; Çalişkan & Callon, 2009)

"Os valores também servem hoje como objetos de consumo individual. Tornaram-se eles mesmos mercadoria. Valores como justiça, humanidade ou sustentabilidade são explorados economicamente." (Han, 2021, p.11)

A conjunção de fatores psicológicos, sociológicos, mercadológicos e políticos, de que resulta a hipercompetição interindividual e a dessindicalização observadas na atualidade, fragilizam a articulação e a mobilização coletiva em prol de uma pauta comum de cariz reivindicatório. Reações individuais contrárias ao pensamento hegemônico são recorrentemente patologizadas pelos próprios pares, que se colocam como agente de exclusão, produzindo tensões e segregação de classe (uma divisão abismal)

O neoliberalismo, em sua ontologia, traz o germen do antidemocratismo e da cidadania seletiva sacrificial, na medida em que organiza as relações econômicas, modelando subjetividades.

Ante esta breve contextualização, optou-se por deslocar o foco de análise, dos fenômenos no mundo do trabalho para a lógica subjacente à sua incidência, razão que justifica o jaez fundamentalmente teórico- filosófico desta pesquisa, assentada em fontes clássicas e releituras sistematicamente estruturadas, acolhidas sob a égide da questão problematizante: De que maneira a lógica neoliberal, influencia a dinâmica e a conformação das relações de trabalho, objeto desse estudo?

Na consecução desse propósito optou-se pelo método comparativo, confrontando os paradigmas marxista e neoliberal. A escolha desses eixos teóricos se ancora no reconhecimento da importância de se compreender as dinâmicas relacionais de poder no processo de racionalização da vida social e aquela intrapsíquica da pessoa que trabalha, bem comigo o seu engendramento na dinâmica neoliberal de dominação.

Esta pesquisa aborda questões atuais relevantes, a exemplo da deturpação do conceito de liberdade, reduzido-a ao livre usufruto da propriedade, perspectiva que, para alguns, reclama autorização para a prática de violência (injustificada) em sua proteção. Discute, igualmente, a comunicação violenta que se esconde na defesa do direito à

liberdade de expressão, a criminalização de conflitos e a despolíticação de uma parcela de sociedade que se define neutra, não obstante exorte em suas narrativas argumentos religiosos e morais.

Explorar o *design* psicológico da ofensiva neoliberal é fundamental para compreender de maneira mais profunda a precarização das relações trabalhistas e o processo de dessubjetivação do(a) trabalhador(a), crucial para ensejar uma leitura adequada dos fenômenos.

## 2 AS GUERRAS CIVIS PROMOVIDAS PELO NEOLIBERALISMO

O desafio da racionalidade neoliberal é nutrir a cisão social, cultural e política nos diferentes substratos da sociedade, essencial à prática de dominação. O enraizamento de conflitos desagrega politicamente as massas, condição que confere maior capilaridade aos mecanismos de gestão, controle e vigilância social. Visa-se, por essas estratégias e mecanismos, inibir, impedir e frustrar a organização e o enfrentamento coletivo, bloqueando o acesso do sujeito aos meios de luta necessários.

Os coletivos populacionais organizados, os grupos minorizados, os insurgentes e opositores ao pensamento neoliberal, marcadamente individualista, são considerados ‘sujeitos destoantes e perigosos’ (subjetividades dissonantes), em razão de sua potência política para a disrupção do *status quo*, que é notadamente inconveniente aos interesses do mercado.

A fragmentação de classe interessa ao neoliberalismo (leia-se ‘mercado’), dado o sentido político da cidadania genuinamente impresso pelas democracias. Os movimentos coletivos possuem potência reivindicatória, propensão espontânea ao exercício do contrapoder.

Assim, o neoliberalismo, racionalidade insculpida para atender interesses econômicos, promove guerras civis com configurações diversas, para desmobilizar grupos sociais minorizados politicamente estruturados e segmentos específicos da população com força de coalizão. Desta forma, inimigos são constituídos, excluídos e marginalizados. Essas ranhuras sociais dão vazão a diferentes níveis de segregação, reduzidos à ideia de polarização política. A desagregação, principalmente no seio das categorias profissionais, encaminha os seus à renúncia ao direito a resistência e enfrentamento.

Já não há trabalhadores propriamente ditos. Só existem nômades do trabalho. Se, ontem, o drama do sujeito era ser explorado pelo capital, a tragédia da multidão hoje é já não poder ser explorada de modo nenhum, é ser relegada a uma “humanidade supérflua”, entregue ao abandono, sem qualquer utilidade para o funcionamento do capital. (Mbembe, 2018, p.10)

Esta condição torna maiorias, sujeitos atípicos estigmatizados, grupos forçosamente minorizados por uma minoria detentora do capital, de matriz e mentalidade escravagista, branca, heteronormativa, patriarcal, classista e marcadamente racializada (paradoxo da exclusão). (Butler, 2017; Butler, 2021; Brown, 2023; Cavalcanti, 2021; Dardot & Laval, 2017; Dunker, 2015)

As transformações políticas não se operam somente no seio patrimonial, alcançando também o circuito de afetos que constituem os corpos políticos, sejam individuais ou coletivos. (Butler, 2019)

A lógica neoliberal cria o problema e oferece a solução. Produz o inimigo, instaura a guerra civil e propõe uma terceira via para gerir e mitigar o conflito. É nesse passo que se observa o aprofundamento das desigualdades sociais e embates de classe. São batalhas arditamente engendradas contra aqueles desprovidos de poder econômico, forçosamente subalternizados. O neoliberalismo capitaliza, em seu favor, os danos e ressentimentos gerados pelas próprias políticas econômicas que introduz e promove.

O espírito neoliberal se transforma e renova para acessar e dominar os sujeitos-alvo com efetividade, destruindo nichos potenciais de insurgência. Nesse propósito, traveste-se de solução para esconder seus reais objetivos (de natureza exclusivamente econômica).

A institucionalização das novas formas de dominação normaliza a violência de que se instrumentaliza o capital para oprimir e reprimir a classe trabalhadora, os grupos minorizados (povos originários, negros, mulheres, LGBTQIAPN+, pessoas com deficiência, migrantes forçados, idosos, dentre outros), na verdade, qualquer liderança popular que não compartilhe do pensamento neoliberal, são considerados e tratados como desafetos da ordem. De fato, experimenta-se uma superordenação social de natureza patriarcal, racista, misógina e aporofóbica (neologismo que traduz a aversão da casta oligárquica aos despossuídos).

Não é sem razão que as forças de extrema direita ultraconservadoras ascenderam nas democracias liberais, dando vazão ao ódio e a incivilidade, nutrindo o racismo, o anti-

islamismo, o antissemitismo, a homofobia, o sexismo, o nativismo, dentre outras formas de discriminação. É importante reconhecer que esses fenômenos são parte da estratégia neoliberal e de um modelo de gestão baseado no controle da sociedade, modos não imputáveis exclusivamente à extrema direita.

Conservadorismo cristão, xenofobia, negacionismo, culto à liberdade, autoritarismo, demonização do Estado-provedor, repulsa à diversidade, racismo e repressão são parte dessa mixórdia funesta tão cara e útil ao neoliberalismo.

"O libertarianismo começa e termina no dogma da santidade dos contratos "livremente" estabelecidos, reduz todos os direitos ao direito de propriedade e tem ojeriza por qualquer laço de solidariedade social." (Miguel, 2018, p.16)

Sequer a pandemia teve força suficiente para irromper essa continuidade destrutiva.

Essas forças conjugam elementos já familiares do neoliberalismo (favorecimento do capital repressão do trabalho, demonização do estado social e do político, ataque às igualdades e exaltação da Liberdade) com seus parentes opostos (nacionalismo, imposição da moralidade tradicional, antilietismo populista e demandas por soluções estatais para problemas econômicos e sociais). (Brown, 2019, p.10)

A despeito das incoerências presentes nas reivindicações, essas forças, nas exatas palavras de Wendy Brown,

(...) conjugam a retidão moral com uma conduta amoral e não civilizada quase celebradora. Endossam a autoridade enquanto exigem desinibição social e agressão pública sem precedentes. Batem-se contra o relativismo, mas também contra a ciência e a razão, e rejeitam afirmações baseadas em fatos, argumentação racional, credibilidade e responsabilidade. Desenho dos políticos e da política enquanto manifesta uma feroz vontade de potência e ambição política. (Brown, 2019, p.10)

O neoliberalismo possui uma inafastável força criadora e performática, transformando vidas e relações, impondo uma competição que alcança todos os espaços e níveis sociais, sejam públicos ou privados. Esta é a razão pela qual a acepção atribuída ao neoliberalismo não se esgota como ideologia ou política econômica.

A reverberação neoliberal revela uma lógica que informa todo o sistema normativo (em ampla significação), influenciando escolhas morais e comportamentos sociais, amoldando modos de ser e de estar, assujeitando corpos e mentes.

Os neoliberais têm a convicção de que o que está em jogo com a ordem do mercado, muito mais que uma escolha de política econômica, é uma civilização

inteira, que repousaria principalmente sobre a liberdade e a responsabilidade individuais do cidadão-consumidor. (Dardot, Guéguen, Laval & Sauvêtre, 2021, p.35)

A exaltação da liberdade tem nutrido discursos violentos e ataques à igualdade, regurgitando o ódio presente nas relações e estruturas sociais, afetando significativamente o mundo trabalho.

Importa destacar que, "Diferenças de classe, entre os sexos e até mesmo as raciais sempre fizeram parte da ordem social; abandonar essas diferenças em prol de uma ilusória “sociedade sem classes” levaria a uma degradação cultural sem precedentes." (Almeida, 2018, p.290)

Porta-vozes de paixões furiosas e insanas, uma parcela da população (neoliberais *mainstream*?) marginaliza as mulheres que abortam (ainda que motivadas por condições extremas), a homossexualidade, as religiões de matriz africana, a expressão da negritude, a diversidade em sua complexidade, ao mesmo tempo em que exaltam valores morais.

"O neoliberalismo se aproveita multiplamente da moral. Valores morais são consumidos como características distintivas. São contabilizados na conta do ego, elevando o valor do ego. Aumentam a autoestima narcísica." (Han, 2021, p.11)

Os adeptos ideológicos também lutam pela preservação de monumentos que homenageiam atores sociais com passado escravagista, promovendo a hostilidade racial, a branquitude, a superexploração da mão de obra, a destruição das malhas de proteção do emprego digno, a belicosidade racista e a cristandade. Privilégios questionados, resta o ódio nutrido contra os supostos responsáveis (grupos minorizados, existências monetizadas, corpos vulnerabilizados pela lógica de exceção). (Brown, 2023)

"A guerra civil contra a igualdade e em nome da “liberdade” é, sem dúvida, uma das principais faces do neoliberalismo atual, considerado pelo ângulo da estratégia." (Dardot, Guéguen, Laval & Sauvêtre, 2021, p.26)

Esta breve e introdutória argumentação revela o modo de intervenção social profundo e estruturalizante do neoliberalismo, com evidências inequívocas das dizimações neoliberais, especialmente no âmbito das relações de trabalho.

### **3 NEOLIBERALALISMO E A SUA PSICOLOGIA MORAL**

Os discursos tentam produzir reações determinadas, potenciando os efeitos de persuasão e decisão (ressonância comportamental). O fenômeno discursivo exerce duas importantes funções, política e psicológica, especialmente quando irrompem a solidariedade genérica pela singularização do sujeito, produzindo uma vinculação pessoal com o(a) ouvinte. Por essa abordagem, a transmutação da mensagem corrompe sua integridade psicológica, desencadeando respostas de defesa e reação. Em boa síntese, as falas não são ingênuas, mas sempre constitutivas para quem as ouve. (Safatle, 2020)

O vocabulário apropriado pelo neoliberalismo incorpora uma significação plúrima, que é ao mesmo tempo política, econômica, psicológica e moral, por mais estranho que essa afirmação possa parecer.

Realmente, a produção calculada

(...) de um discurso híbrido entre economia e psicologia como fundamento para os regimes de gestão social implicou a reconfiguração completa do que poderíamos chamar de “gramática do sofrimento psíquico”. Pois, para serem realmente internalizadas, tais disposições de conduta não deveriam ser apenas ideais normativos. Elas deveriam também reconfigurar nossa forma de compreender e classificar os processos de sofrimento. Não basta gerir o centro, há de se saber gerir as margens, configurar as formas possíveis do afastamento da norma. (Safatle, 2020, p.27)

A sociedade é recorrentemente turbinada pelo repertório vocabular e estímulos que transformam sujeitos em objetos de exploração e consumo. Alguns termos apropriados, inclusive, advém da Administração, da Filosofia moral, da Psicologia e da Psiquiatria. É assim que políticas são denominadas e adjetivadas para imprimir a repercussão comportamental desejada por meio da articulação de significados, engendramento linguístico usado para manipular e justificar as intervenções sociais e econômicas operadas. Desta forma, cada vez mais, questões econômicas passam a ser explicadas, a partir da psicologia moral, perspectiva que, de tão normalizada deixou de ser *sui generis*. (Dejours, 2020)

"As percepções são programadas, induzidas, condicionadas. E essa ideologia é tão forte a ponto de tornar, em algumas línguas, a palavra “patrão” sinônimo de amizade, intimidade, camaradagem." (Cavalcanti, 2021, p.73)

As experiências sociais apresentam numerosas situações nas quais se observa a manipulação discursiva com o intento de dominação psicológica. Por exemplo, o comportamento de controle exacerbado e socialmente acrítico dos gastos, essenciais à realização das promessas constitucionais do Estado (quicá a diminuição de seu tamanho),

é associado ao termo "austeridade", que é uma expressão de jaez moral que remete à severidade das práticas de governança pública e costumes. Ocorre que a mobilização de valores predita atitudes e comportamentos reativos, debilitando a capacidade analítica do sujeito, porquanto mina a sua autonomia moral. Insurgir-se contra a austeridade, para além de representar uma falta, denota a incapacidade constrangedora de administrar a coisa pública.

A defesa de pautas que impliquem a desobrigação assistencial do Estado, realizada pelo próprio indivíduo que necessita da prestação, também tem natureza moral. A mesma análise pode ser aplicada à relação entre trabalhadores(as) não afiliados(as) e os respectivos sindicatos.

O opressor mais eficiente é aquele que persuade seus subalternos a amar, desejar e identificar-se com seu poder; e qualquer prática de emancipação política envolve, portanto, a mais difícil de todas as formas de liberação, o libertar-nos de nós mesmos. (Eagleton, 1997, p.13)

Induz -se a classe trabalhadora à autoresponsabilização pela condição precária que lhes é imposta, infantilizando qualquer abordagem contrária (modelo da sociedade de risco).

A autonomia da economia, sua posição de discurso de poder ilimitado na definição das orientações de gestão social, caminha juntamente com a legitimação cada vez mais clara de suas injunções como uma psicologia moral, ou seja, como um discurso no qual se articulam injunções morais e pressuposições a respeito de desenvolvimento e maturação. (Safatle, 2020, p.15)

As metáforas não são neutras, decorrendo de decisões conscientes e referenciadas. Romantizam duras realidades e experiências apenas para manipular sentidos, movimento que perpassa as esferas da vida social, maculando identidades, colonizando afetos e emoções por meio do discurso econômico. De fato, "(...) o que vemos atualmente é algo de outra ordem, a saber, a justificação de ações econômicas e a paralisia da crítica através da mobilização massiva de discursos psicológicos e morais." (Safatle, 2020, p.15)

A partir destas estratégias, o mero desejo de riqueza torna-se uma abstração manipulável útil. A psicologização dos mecanismos de dominação, a sobreposição calculada de autoridade em constelações afetivas determinadas, o fundamento motivacional da ação política e a sua gramática de emoções fragilizam qualquer argumento de desconstrução e contraponto a essa racionalidade pervasiva, movimento que passa a ser lido como ofensa moral.

“É cada vez mais evidente como lutas políticas tendem a não ser mais descritas a partir de termos eminentemente políticos, como justiça, equidade, exploração, espoliação, mas através de termos emocionais, como ódio, frustração, medo, ressentimento, raiva, inveja, esperança.” (Safatle, 2020, p.17)

A intervenção neoliberal, há muito tempo, passou a ser operada em pequenas e efetivas doses, nos diferentes espaços sociais e esferas da vida privada. "A internalização psíquica é um dos deslocamentos topológicos centrais da violência na Modernidade; a violência toma forma de conflito intrapsíquico." (Han, 2017, p.13)

A internalização da racionalidade econômica se complexificou de tal modo que alcançou um novo patamar, o nível intrapsíquico, realizando-se por uma espécie de intervenção neuronal, protagonizado pela linguagem e emoções. Ocorre que

As emoções são mais fugazes do que as coisas. Não dão, assim, estabilidade à vida. Ao consumir emoção, além disso, não é com coisas que a gente se relaciona, mas consigo mesmo. Busca-se autenticidade emocional. O consumo de emoção intensifica, com isso, a relação consigo narcísica. A relação com o mundo que deveria intermediar as coisas, fica, desse modo, cada vez mais perdida. (Han, 2021, p.11)

Em matéria de domínio pela linguagem,

O reconhecimento pela sociedade da soberania do mercado reclama a intensificação do controle social, que passa a ser realizado em bases cada vez mais imateriais e sutis. A gramática neoliberal e toda a sua verborragia esconde estratégias psíquicas engendradas para transformar a estética da linguagem, atribuindo-lhes sentidos aparentes, como a produção de uma feição romantizada e mais positiva da exploração. (Brown, 2019; Cavalcanti, 2021; Han, 2017; Gaulejac, 2007)

Tal abordagem produz o apassivamento gradativo do sujeito diante de sua própria experiência, das condições laborais (degradantes) que lhes são apresentadas, muitas vezes justificadas pelo discurso de escassez de recursos e oportunidades, pela omissão dos governantes, pela rigidez das normas (especialmente do Direito do trabalho), dentre outros responsáveis convenientes.

Esse aprofundamento, marcado pela transição, do nível social para o psíquico, destitui a gramática do conflito para afastar ou esconder as contradições objetivas do neoliberalismo. Assim, o sujeito não se instrumentaliza dos fatos para formação de juízo de valor, porque não consegue ler criticamente a realidade, munindo-se apenas de discursos superficiais, não respaldados e despolitizados. Esse condicionamento

desmobiliza coletivamente a classe trabalhadora, resultando em uma significativa fragilização da consciência de classe, levando à desagregação e ao não pertencimento.

A criação da categoria "classe média" no seio da classe trabalhadora é uma evidência inquestionável do esvaziamento da consciência e reconhecimento da própria condição.

A racionalidade neoliberal cria essas clivagens culturais e religiosas para dar vazão a classificações sociais, manipulando imperfeições morais, ressentimentos, dores, mágoas, preconceitos, sonhos, frustrações, desilusões e emoções negativas, fatores que se sobredeterminam. Alimenta-se, por essa estratégia, expectativas narcísicas e a ilusão de pertencimento à classe realmente detentora do capital, veio no qual o ódio e os ressentimentos são instrumentalizados. Não é injustificada a apropriação deturpada da moral religiosa em embates políticos com motivação diversa e incompatível.

A agenda econômica neoliberal recruta adeptos (despossuídos) com base na manipulação de suas angústias, tristezas, sofrimento, raiva, especialmente as experiências políticas de insatisfação e abandono.

"A alta classe média é o verdadeiro representante, o real "capataz" que, por delegação, exerce a função de comando da sociedade em todos os níveis, mas em nome de uma ínfima elite de proprietários efetivos." (Souza, 2018, p. 20)

Qualquer classificação estruturada a partir da renda dilui o impacto provocado pelo contraste social existente entre a realidade experienciada pela classe dominante e aquela dominada, nos subníveis da classe média.

Intocada a projeção de sucesso pelo trabalho e mérito, o sujeito (de consumo, reproduzidor de privilégios) é reduzido a objeto, disseminando crenças, valores e idéias contra-reformistas liberais-conservadoras.

Ao demonizar o social, a ideologia e o político, apropriando-se de fundamentos da moral cristã para travar batalhas políticas amorais, a produção discursiva articula oposições aparentes para sugerir criticidade.

A linguagem mostra-se com um eficaz canal desse escoamento, que eleva a potência de capilaridade do modelo de governança neoliberal, reforçando autoridade e poder, ampliando o raio de dominação.

#### **4 O SUJEITO DESSUBJETIVADO E A RACIONALIDADE NEOLIBERAL**

Resta a indagação: quem é o sujeito dessubjetivado? É aquele que, adestrado e manipulado psicologicamente, não se percebendo oprimido, reproduz opressões e as endossa, revelando um primoroso trabalho de *design* psicológico, que internaliza predisposições sugestivas,

(...) visando à produção de um tipo de relação a si, aos outros e ao mundo guiada através da generalização de princípios empresariais de performance, de investimento, de rentabilidade, de posicionamento, para todos os meandros da vida. Dessa forma, a empresa poderia nascer no coração e na mente dos indivíduos. (Safatle, 2020, p.24)

O neoliberalismo produz, então, uma nova humanidade a partir de um processo de dessubjetivação que estende a influência neoliberal às diferentes esferas da vida social do sujeito que trabalha. (Brown, 2019; Dardot & Laval, 2016; Facas, 2020; Vasconcelos, 2022)

Um *design* psicológico que só poderia ser feito através da repetição generalizada de exortações morais que nos levavam a compreender toda resistência a tal redescrição empresarial da vida como falta moral, como recusa em ser um “adulto na sala”, em assumir a virtude da coragem diante do risco de empreender e abrir novos caminhos por conta própria. (Safatle, 2020, pp.24-25)

Por esse modo de produção cognitiva, a manipulação deixa de ser percebida com objetividade para tornar-se sutil, portanto, invisível a olhos desatentos e acríticos, forçosamente desviados por distrações corriqueiras, condição que lhe confere propriedades interessantes, a exemplo, da anonimização, da sistematicidade, do alcance e generalização.

A apropriação desses discursos e narrativas de afirmação e reforço, coloca os próprios trabalhadores como reprodutores dessa engrenagem de dessubjetivação e opressão (em diferentes níveis), por derradeiro, parte da aparelhagem colonialista,

O colonialismo é um fenômeno atemporal, marcado por interdições, pela negação de direitos humanos e a subjugação do outro pela violência em seus diferentes formatos, mantendo o sujeito aprisionado em condições, muitas vezes, subumanas. A ideia de aprisionamento é uma metáfora que significa imobilismo, que ganha cada vez mais contornos psicológicos e neuronais. O neoliberalismo é uma fábrica de miseráveis despossuídos de si, empreendedores de seu próprio infortúnio. (Santos, 2016; Dunker, 2015; Mészáros, 2009; Bernardino-Costa, Maldonado-Torres & Grosfogue, 2018)

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A palavra não está inerte às influências ideológicas, substância lhe confere significado e sentido político. A linguagem verbal possui uma função estrutural e estruturante fundamental à assimilação da racionalidade neoliberal.

Considerando que a consciência do sujeito é um fato socioideológico, portanto, não ontológico, a sua subjetividade é constituída pelos significados sugeridos nessas construções. A palavra, na condição de signo neutro, são como receptáculos cognitivos que, uma vez preenchidos, repercutem sentidos, (pre) conceitos e interpretações.

A revisão de literatura realizada reforçou o papel da linguagem como tecnologia de controle e gestão, igualmente, no processo de dessubjetivação pela disseminação de representações sociais convenientes aos interesses de mercado, operando uma manipulação intersubjetiva e neuronal, que se materializa na naturalização da violência, desmobilização de classe, apassivamento do(a) trabalhador(a) diante de iniquidades, em sua reprogramação cognitiva.

O neoliberalismo não possui uma definição bem delimitada, embora ideologicamente assentada. A literatura apresenta e repercute efusivos debates sobre os seus fundamentos e características constitutivas. Alguns estudiosos inclusive atribuem um caráter amorfo e proteiforme às dinâmicas que o sustentam.

## 6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Almeida, S. L. (2018) *Neoconservadorismo e liberalismo*. In: Galego, Esther Solano. (Org.) *O ódio como política: a reinvenção da direita no Brasil*. Boitempo.
- Bernardino-Costa, J. Maldonado-Torres, N.. & Grosfogue, R. (2018) *Introdução Decolonialidade e pensamento afrodiáspórico*. Bernardino-Costa, J. Maldonado-Torres, N. GROSFOGUE, R. (Org.) *Decolonialidade e pensamento afrodiáspórico*. Autêntica. (Coleção Cultura Negra e Identidades)
- Butler, J. (2019) *Vida precária: Os poderes do luto e da violência*. Autêntica.
- Butler, J. (2017) *A vida psíquica do poder: Teorias da sujeição*. Autêntica.
- Butler, J. (2021) *Os sentidos do sujeito*. Autêntica.

- Çalışkan, K. & Callon, M. (2009) Economization, Part 1: Shifting Attention from the Economy Towards Processes of Economization. *Economy and Society* 38, pp. 369-398.
- Cavalcanti, T. M. (2021) *Sub-humanos: o capitalismo e a metamorfose da escravidão*. Boitempo.
- Dardot, P., & Laval, C. (2016) *A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal*. Boitempo.
- Dardot, P., Guéguen H., Laval, C., & Sauvêtre, P. (2021) *A escolha da guerra civil: uma outra história do neoliberalismo*. Elefante.
- Dardot, P. Laval, C. (2017) *Comum: ensaio sobre a revolução no século XXI*. Boitempo.
- Dejours, C. (2020) *El sufrimiento en el trabajo*. Topía Editorial.
- Dunker, C. I. L. (2015) *Mal-estar, sofrimento e sintoma: uma psicopatologia do Brasil entre muros*. Boitempo.
- Facas, E. P. (2020) Sociedade da Performance e a falácia da liberdade no discurso neoliberal. In: Sousa- Duarte, F.; Mendes, A. M.; & Facas, E. P. (Orgs.). *Psicopolítica e psicopatologia do trabalho* (pp.63-75) Editora Fi.
- Fraser, N. (2020) *O velho está morrendo de um novo não pode nascer*. Autonomia Literária.
- Fraser, N. & Jaeggi, R. (2020) *Capitalismo em debate: uma conversa na teoria crítica*. Boitempo.
- Freire, P. 1921-1997. (2021) *Pedagogia da solidariedade*. Paz e Terra,.
- Freire, P. (2019) *Direitos humanos e educação libertadora: gestão democrática da educação pública na cidade de São Paulo*. Paz e Terra.
- Gaulejac, V. (2005) *La société malade de la gestion: idéologie gestionnaire, pouvoir managérial et harcèlement social*. Editions du Seuil.
- Han, B. (2017) *Topologia da violência*. Vozes.
- Han, B. (2019) *Sociedade do cansaço*. Vozes.
- Han, B. (2021) *O desaparecimento dos rituais: Uma topologia do presente*. Vozes.
- Han, B. (2017) *Agonia do eros*. Vozes.
- Han, B. (2021) *Sociedade paliativa: a dor hoje*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes.
- Han, B. (2022) *A expulsão do outro: sociedade, percepção e comunicação hoje*. Vozes.

- Han, B. (2022) *Infocracia: digitalização e a crise da democracia*. Vozes.
- Laval, C.(2021) *Foucault, Bourdieu e a questão neoliberal*. Elefante.
- Mbembe, A. (2018) *Crítica da razão negra*. n-1 edições.
- Mészáros, I. (2009) *Para Além do Capital: rumo a uma teoria da transição*. Boitempo.
- Miguel, L. F. (2018) A reemergência da direita brasileira. In: GALEGO, E. S. (Org.) *O ódio como política: a reinvenção da direita no Brasil*. Boitempo.
- Schneider, S. & Schmitt, J. C. (1998) O uso do método comparativo nas Ciências Sociais. *Cadernos de Sociologia*, Porto Alegre, v. 9, pp. 49-87.
- Sandel, M. (2020) *A tirania do mérito: o que aconteceu com o bem comum?* Civilização Brasileira.
- Safatle, V. (2020) *A economia é a continuação da psicologia por outros meios: sofrimento psíquico e o neoliberalismo como economia moral*. In: Safatle, V. Silva Júnior, N. Dunker, C. I. L. (Orgs). *Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico*. (pp 1 – 302) Autêntica.
- Safatle, V. (2016) *O circuito dos afetos: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo*. Belo Horizonte: Autêntica Editora.
- Santos, B. S. (2016) *A difícil democracia: reinventar as esquerdas*. Boitempo.
- Vasconcelos, Y.L. (2022) *A produção de sujeitos do desempenho e a violência da positividade por Byung-Chul Han*. *Derecho y Cambio Social*. n.º69, jul-set.